

## EDUCOMUNICAÇÃO: A EXPERIÊNCIA COM JOVENS INFRATORES

**Bruno Santos Silveira\***

Universidade Anhembi Morumbi  
santos.silveira.bruno@gmail.com

**Claudia Lago\*\***

ECA/USP  
claudia.lago07@gmail.com

### Resumo

Este artigo aborda como o Projeto GAIA, dirigido a adolescentes infratores em cumprimento de medidas socioeducativas, apropria-se da Educomunicação, um tema amplamente discutido por acadêmicos, pesquisadores e profissionais das áreas de comunicação e educação (Soares, 2009; Baccega, 2005; Caldas, 2005). Dentre os valores educamunicativos está a criação de ambientes, que são pensados como ecossistemas educamunicativos, onde os envolvidos possam se expressar e atuar de forma democrática. A partir da identificação da educamunicação e de seus princípios, verificamos, através de um estudo de caso junto ao Projeto GAIA, a aplicação destes princípios em condições de prática diária.

Palavras-chave: educamunicação, educação; mídia, projeto GAIA, liberdade assistida.

### Abstract

This article discusses how the Project GAIA, directed to young offenders in fulfillment of educational measures, appropriates the Educommunication, a topic widely discussed by scholars, researchers, and professionals in the fields of communication and education (Soares, 2009; Baccega, 2005; Caldas, 2005). Among the values educamunicativos is the creation of environments, ecosystems educamunicativos where stakeholders can express themselves and act in a democratic way. From the identification of educamunicação and its principles, verified through a case study by the Project GAIA, the practical application of these principles in daily practice conditions.

Keywords: educamunicação; education, media, project GAIA.

### Introdução

Ao se falar sobre educação, formação de valores ou disseminação cultural, imediatamente são elencados uma série de agentes a quem normalmente se atribuem essas responsabilidades, como a família e a escola. No entanto, já há algum tempo, aponta-se para a crescente

---

\* Estudante de comunicação social com ênfase em rádio e TV pela Universidade Anhembi Morumbi e atuante há quatro anos na área de educamunicação, integrando equipe multidisciplinar que atende adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em Guarulhos, SP. Monitor de áudio e vídeo no Projeto GAIA, da ONG ASBRAD ([www.asbrad.org.br](http://www.asbrad.org.br))

\*\* Doutora em Comunicação e membro do Núcleo de Comunicação e Educação, pela ECA/USP. É professora e líder de pesquisa da Escola de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi e presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

interveniência da mídia na construção do saber, e na formação da visão de mundo dos educandos.

Como formar o cidadão frente à influência avassaladora da mídia no quadro de uma cultura pós-moderna fragmentada e fragmentadora? Qual o papel da escola neste processo? Quem mais uma vez educará os educadores? E quem forma os comunicadores? (Caldas, 2005: 94)

A mídia tem um grande poder atrativo quando o público alvo são crianças ou adolescentes, que por sua vez, são inexperientes e pouco estimulados a refletir sobre todas essas informações que lhes são apresentadas. A mídia, quase sempre apresenta modos padronizados de pensar, agir e consumir e suas mensagens na maioria das vezes reforçam o *status quo*. Maria Aparecida Baccega define a relação da mídia com a sociedade em que vivemos:

O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Trata-se de um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos compreender esses temas. Eles se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola.<sup>1</sup>

Por outro lado, os meios de comunicação têm enorme importância no cotidiano da sociedade. Seu vasto poder de alcance permite levar informação e conhecimento aos quatro cantos do Brasil. Rádios comunitárias proporcionam às pequenas comunidades a possibilidade de difundir cultura e questões sociais de utilidade pública. A internet, por sua vez, permite compartilhar informações de todos os cantos do mundo, e essas informações podem circular em forma de texto, áudio ou vídeo. Criar um *blog*, *vlog* ou *podcast* já faz parte do cotidiano de crianças e adolescentes por todo o país. O poder de fazer parte da mídia e construí-la com as próprias mãos nunca esteve ao alcance das pessoas (principalmente dos mais jovens) de forma tão intensa quanto no momento em que vivemos. Mas sobre o que esses jovens gostam de falar? Como eles utilizam essas possibilidades?

Para responder questões como essas e pensar formas de incorporar a mídia nos processos educativos, estudiosos e profissionais das áreas de educação e comunicação têm apostado na Educomunicação, um novo campo do saber que trabalha conceitos e práticas das duas áreas a fim de possibilitar um novo meio de intervenção social e “promover ecossistemas

---

<sup>1</sup> BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/Educação: Um campo em ação**. 2005. ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume IV. Material digital disponível em: <<http://www.sopcom.pt/actas/baccega-maria-comunicacao-eduacao-campo-accao.pdf>> Acesso em 02 mar. 2013

comunicativos em espaços educativos.”<sup>2</sup> Por meio da Educomunicação almeja-se promover uma educação emancipatória, ou seja, preparar o indivíduo para receber as informações e refletir por si só o que fazer com elas, de que forma interpretá-las, usá-las, explorá-las, visando sua auto expressão e também a construção da sua cidadania e da cidadania de seu coletivo.

Muito discutida entre comunicadores e educadores, a Educomunicação ainda não alcançou efetivamente o ambiente escolar formal. Embora seja comum observar que muitos professores vêm utilizando novas dinâmicas em sala de aula, envolvendo a tecnologia para diversificar sua metodologia de ensino<sup>3</sup>, a maioria das instituições de ensino ainda desconhece os conceitos da educomunicação. Aquelas que buscam aplicar esses conceitos da em suas atividades, nem sempre possuem respaldo técnico para efetivar suas ações. Além disso, tais ações são minimamente divulgadas ou prestigiadas no meio escolar, apesar dos vários estudos a respeito do tema.<sup>4</sup>

Imersos nesse contexto e preocupados em trazer uma nova abordagem para diversos assuntos discutidos durante o atendimento de adolescentes em conflito com a lei, a equipe da entidade responsável por executar as medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços a Comunidade na cidade de Guarulhos (Projeto GAIA) instituiu em seu currículo de atividades oficinas pautadas nos conceitos de Educomunicação para disseminar cultura, valores e conhecimento aos adolescentes amparados pelo grupo. A equipe, multidisciplinar, é formada por assistentes sociais, psicólogos e pedagogos, atendendo em média 350 adolescentes por mês, dos quais a maioria apresenta demandas sociais relacionadas a inúmeras falhas no sistema de garantia dos seus direitos<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação / Educação – Emergência De Um Novo Campo e o Perfil De Seus Profissionais**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>> Acesso em 02 mar. 2013

<sup>3</sup> Um exemplo é a amplitude do Curso Mídias na Educação, oferecido pelo Ministério da Educação para as escolas públicas brasileiras, e que objetiva formar professores no uso das tecnologias da informação e comunicação dentro do ambiente escolar (Romancine, Alves e Soares, 2011).

<sup>4</sup> Artigos e textos podem ser encontrados no site do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) <<http://www.usp.br/nce>>, exemplos de projetos e materiais de apoio podem ser encontrados no Portal GENS – Instituto de Educação e Cultura <<http://portalgens.com.br>> e diversos trabalhos e estudos podem ser encontrados no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciência da Comunicação <<http://www.portcom.intercom.org.br>>.

<sup>5</sup> De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é dever do estado garantir proteção integral à criança e ao adolescente, bem como é dever da família, sociedade e poder público garantir a saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária. No entanto, a realidade dos adolescentes do GAIA é diferente. Podemos citar, entre outras falhas, a precariedade de habitação dessa família, a negação a uma vaga na escola e a falta áreas de lazer ou propícias para a prática de esportes nas regiões onde habitam.

Muitas vezes o desconhecimento de tais direitos, aliado às dificuldades de escolarização e aprendizado e à dificuldade de acesso aos bens culturais, comum às pessoas que moram em regiões mais pobres das grandes cidades, torna esses jovens vulneráveis aos estímulos negativos que a mídia pode exercer por meio de propagandas ou imagens que não refletem a sua realidade, além de trabalharem com estereótipos que os negativizam e exacerbam o consumo de bens – geralmente inacessíveis a esses jovens – como necessidade para adquirir prestígio social.

As atividades educomunicativas do Projeto GAIA vêm com a proposta de utilizar as tecnologias e as linguagens das mídias para que esses jovens expressem o que sentem e pensam e, assim, decidam o que querem para si mesmos e para o mundo em que vivem.

Para a realização deste estudo é necessário termos em mente o conceito do nosso principal objeto estudado: a Educomunicação. Para tanto, faz-se necessário recorrer aos estudiosos da área. Durante a pesquisa foi possível perceber que o assunto não é novo, tendo uma e é tratado em publicações da área, artigos em periódicos e outros tipos de estudos e dissertações.

A abrangência do conceito pode ser observada pelo fato deste estar presente em fontes de pesquisas populares, como a *Wikipédia* que define Educomunicação como sendo “um conceito ou metodologia pedagógica que propõe o uso de recursos tecnológicos modernos e técnicas da comunicação na aprendizagem através de meios de mídia”. Felizmente as informações apresentadas não divergem totalmente dos conceitos apresentados por autores e estudiosos da área, como Ismar Soares e Adilson Citelli, que frequentemente ressaltam a importância do uso de novas tecnologias e da mídia em sala de aula. Pioneiros no assunto, os dois autores reúnem uma vasta coleção de artigos, teses e estudos, além de alguns livros publicados sobre o tema<sup>6</sup>.

O conceito da educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente de aprendizado (Soares, 1999). Ismar de Oliveira Soares, pioneiro das pesquisas sobre o tema, defende que o conceito de Educomunicação define-se por um conjunto de ações destinadas a 1) integrar o estudo dos meios de comunicação às práticas educativas de forma a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e preparar as pessoas para receber essas informações, 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos nos espaços educativos,

---

<sup>6</sup> Um mapeamento sobre as pesquisas em Educomunicação pode ser observado em Pinheiro (2013).

transformando-os em ambientes democráticos e participativos, onde todos possam produzir e disseminar sua cultura e 3) ampliar o alcance e a qualidade das ações pedagógicas desenvolvidas nesses espaços educativos<sup>7</sup>.

A Educomunicação não é apenas de um campo de reflexão a respeito do uso das tecnologias e dos meios de comunicação, mas sim de um meio de mediação entre os campos da comunicação e da educação. Por meio dela é possível promover um sujeito capaz de “ler” e “entender” uma informação e decidir por si só o que fazer com ela. Tendo em vista esses conceitos, podemos avaliar as atividades desenvolvidas no projeto GAIA como sendo ou não educacionais, uma vez que elas devem alcançar tais paradigmas.

## Metodologia

Este artigo é produto de uma pesquisa com caráter descritivo, que segue os moldes da observação etnográfica. A partir da conceituação de Educomunicação e de seus paradigmas, procuramos analisar e avaliar as atividades desenvolvidas no projeto GAIA, tomado como locus de observação.

Durante quatro meses, diariamente, foram acompanhados adolescentes que desenvolviam as atividades da Oficina de Vídeo. Este acompanhamento foi registrado em um Diário de Campo, parte integrante do ofício do etnógrafo (Weber, 2009). Posteriormente, estas observações serviram para que fosse possível comparar os procedimentos realizados durante as atividades, bem como os resultados visíveis destas, com os conceitos da educomunicação que procuramos estabelecer. Além disso, complementamos a coleta de dados com entrevistas com os orientadores de referência dos adolescentes envolvidos para perceber, sob o ponto de vista destes sujeitos, qual foi o impacto da participação nas atividades, pensadas enquanto educacionais, para a vida dos adolescentes atendidos.

Interessante observar do ponto de vista metodológico a dupla vinculação do pesquisador como observador em campo e, ao mesmo tempo, como monitor das oficinas que reuniam os adolescentes observados. Esta dupla vinculação, apesar de não usual em boa parte dos trabalhos de mesmo tipo, foi o que permitiu, em primeiro lugar, a realização da pesquisa, já que a presença de pesquisadores externos ao projeto não seria da mesma forma permitida. Por outro lado, a dupla vinculação não deve ser pensada como algo que automaticamente exclui a possibilidade de

---

<sup>7</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>> Acesso em 10 fev. 2013

apreensão distanciada do fenômeno que se estuda, já que essa relação científica com o observado não é garantida apenas ou necessariamente por um suposto distanciamento sujeito/objeto, epistemologicamente tão discutível<sup>8</sup>.

Para a realização deste estudo, acompanhamos a entidade responsável pela execução das medidas socioeducativas em meio aberto na cidade de Guarulhos<sup>9</sup>. A medida socioeducativa de Prestação de Serviços à comunidade, prevista no art. 112, III, e disciplinada no art. 117 e seu § único, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), consiste na prestação de serviços comunitários, por período não excedente seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como programas comunitários ou governamentais e não governamentais. Já a Liberdade Assistida destina-se basicamente a auxiliar e orientar o adolescente. Este é acompanhado por uma pessoa capacitada, designada pela autoridade responsável, neste caso, o juiz da Vara da Infância da comarca. Tal pessoa passa a ser o orientador de referência do adolescente e deverá promovê-lo (bem como a sua família) socialmente, supervisionar a frequência escolar e diligenciar a sua profissionalização. Assim sendo, o projeto conta com uma média mensal de 350 adolescentes para o cumprimento de uma das medidas (há também alguns raros casos onde o mesmo adolescente cumpre as duas medidas simultaneamente, de acordo com a gravidade do ato infracional cometido). Parte desses indivíduos é inserida em atividades da Oficina de Áudio e Vídeo, espaço instituído dentro da própria entidade para promover atividades ditas “educativas”.

No caso dos adolescentes em cumprimento da medida de Liberdade Assistida, a inserção nas atividades oferecidas pela Oficina de Áudio e Vídeo acontece sempre que o orientador de referência responsável pelo adolescente sugere sua participação, ou quando o adolescente manifesta desejo de participar da mesma, uma vez que tais atividades não fazem parte do procedimento técnico obrigatório desta medida. Já a medida de Prestação de Serviços à Comunidade utiliza o espaço em questão para promover oficinas de capacitação aos adolescentes que se identificam com a produção audiovisual. Essas capacitações têm o intuito de prepará-los para a produção de vídeos institucionais ou vídeos educativos que vem a beneficiar outras instituições, prestando assim um serviço à comunidade.

---

<sup>8</sup> Lago (2003) discute mais profundamente os dilemas da dupla vinculação do pesquisador com seu campo de análise.

<sup>9</sup> Na referida entidade atuo como monitor de áudio e vídeo, cujas responsabilidades são desenvolver e mediar atividades pautadas na educação utilizando os recursos tecnológicos e audiovisuais do projeto. Tal atuação exige intensa imersão no universo adolescente e no universo da comunicação social (através de pesquisa), bem como sua inter-relação.

A Oficina de Áudio e Vídeo foi instituída dentro do currículo de atividades oferecidas pela entidade como uma atividade de livre acesso e de participação facultativa. Surgiu inicialmente com o intuito de oferecer uma atividade que fosse atrativa aos jovens do projeto, que diminuísse o caráter punitivo da medida e que ao mesmo tempo, tivesse potencial educativo e cultural. Assim sendo, na Oficina de Áudio e Vídeo acontecem diversas atividades relacionadas à produção audiovisual e ao consumo orientado de informações provenientes das mídias. Para a execução deste trabalho, três atividades distintas foram propostas: produção musical, onde os adolescentes deveriam produzir uma música ou peça sonora; produção audiovisual, onde os adolescentes seriam desafiados a produzir um curta-metragem, documentário, videoclipe ou peças do gênero; e produção fotográfica, onde os adolescentes deveriam criar um painel fotográfico ou uma fotorreportagem sobre determinado tema, escolhido por eles mesmos. Participaram destas atividades 27 adolescentes. Formamos grupos menores com três ou quatro adolescentes cada para realizarem as atividades.

É importante ressaltar que não há um método preciso para a execução das atividades. Não há um “passo a passo” a ser apreendido para ministrar tais atividades. O ritmo e o andamento de cada processo são construídos de acordo com as necessidades, capacidades e dificuldades de cada grupo. No entanto, em cada uma das atividades podemos notar alguns procedimentos básicos, sendo eles: 1) o acolhimento e levantamento de expectativas quanto à atividade, 2) o aprendizado técnico sobre audiovisual e 3) a produção dos trabalhos desenvolvidos pelos adolescentes, que pode se dar por diversas formas, de acordo com o grupo e com a atividade escolhida.

Durante os meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2012, as atividades alvos deste estudo foram avaliadas através de um registro que continha as reações e manifestações dos 27 adolescentes, com idades entre 14 e 18 anos que participaram da Oficina de Áudio e Vídeo. É importante destacar que deste total, 10 não frequentavam a escola, 12 estavam inseridos em programas de alfabetização para jovens e adultos ou na modalidade de ensino supletivo e apenas cinco frequentavam a escola em séries correspondentes à sua idade, mas também demonstravam dificuldades para leitura e escrita. Todos eram do sexo masculino. A não participação de adolescentes do sexo feminino se dá devido ao reduzido número de ocorrências deste gênero no projeto. Dos adolescentes inseridos na atividade, todos possuem algum envolvimento com drogas (do uso frequente até o envolvimento com o tráfico).

## Resultados obtidos

Durante a execução das atividades, pretendia-se observar como os adolescentes entendiam aquele espaço, uma vez que a visão que eles possuem do projeto como um todo é a de um *locus* onde era exercida a sua punição. Todos os adolescentes ingressantes ao projeto são levados a conhecer a Oficina de Áudio e Vídeo, mesmo que alguns deles não venham a participar das atividades oferecidas. Quando foram acolhidos num espaço de livre participação, essa percepção mudou significativamente. É importante termos isso em mente, pois essa percepção ajuda a mudar a relação que os mesmos criam com a instituição. É claro que a medida é imposta devido a algum erro cometido pelos jovens, mas a medida não possui caráter meramente punitivo e sim restaurador. A apresentação de um espaço onde os adolescentes podem optar por participar ou não de atividades atrativas cujos assuntos são do seu universo ajuda a fortalecer o vínculo dos adolescentes com a instituição e torna evidente para eles essa função reparadora. Os orientadores de referência reforçaram através das entrevistas que, mesmo aqueles adolescentes que não participam efetivamente das atividades oferecidas pelas oficinas aqui descritas, encaram o projeto de maneira diferente depois de conhecer o espaço. A pedagoga Kátia Baleeiro, responsável por orientar o adolescente R. A. (16 anos), relatou<sup>10</sup> que sua assiduidade e comprometimento com a medida se intensificaram depois que o mesmo fora apresentado aos recursos disponíveis a ele no projeto. Segundo ela, ainda que o adolescente não dispusesse de tempo para participar das atividades, priorizando as atividades laborativas que exerce, o mesmo passou a encarar o Projeto GAIA como um local amigável e acolhedor. Ainda segundo Kátia, o adolescente verbalizou que:

“(...) não imaginava que ia ter um estúdio de gravação de música aqui na LA, achei que eu ia só ‘assinar’<sup>11</sup> e ter que provar que *to indo pra* escola e procurar emprego.”

Também nos deparamos com adolescentes que não se julgavam capazes de participar das atividades, fator que está intimamente ligado com sua autoestima e expectativa para o futuro. Muitos deles acreditam, ou foram levados a acreditar, que não são capazes de alcançar grandes objetivos de vida como ingressar em uma faculdade ou conseguir um bom emprego. Muitos

---

<sup>10</sup> Relato obtido através de uma série de entrevistas tomadas entre agosto e novembro de 2012, em Guarulhos-SP, durante a avaliação das atividades ministradas.

<sup>11</sup> Termo utilizado pelos adolescentes para se referir ao cumprimento da medida socioeducativa, devido aos vários processos burocráticos que exigem que os mesmos forneçam suas assinaturas com frequência, mas que não expressa o real significado das ações desenvolvidas pelo projeto.



pensam que estão fadados à criminalidade e marginalidade. Depois de participar das atividades, o que envolve produzir (com as próprias mãos e com o próprio saber) vídeos, fotografias ou peças sonoras, esses adolescentes percebem por si só que são capazes de realizar, criar, produzir e, assim sendo, fazer parte da sociedade. Em suma, percebem que não estão fadados a uma vida marginalizada. Percebem que existem outras opções. O resultado final das atividades, por mais simples que seja, é motivo de orgulho para esses adolescentes, elevando assim sua autoestima. A psicóloga Camila Bittencourt, orientadora do adolescente F. J. S. (15 anos), relatou<sup>12</sup> que o mesmo sentiu-se motivado a cumprir algumas metas do Plano Individual de Atendimento<sup>13</sup> depois de ter participado das atividades na Oficina de Áudio e Vídeo na qual construímos um videoclipe para uma música do estilo musical *funk*. Durante um dos atendimentos, o adolescente teria dito:

“(...) nunca pensei a gente fosse fazer uma música e gravar um clipe, achei que só na TV eles faziam isso, mas agora eu vi que eu posso fazer também.”

Outros orientadores de referência ainda mencionam, durante as discussões de casos, que alguns adolescentes, principalmente aqueles que estão quase na fase adulta, os questionam sobre cursos profissionalizantes na área do audiovisual, em virtude da sua participação nas atividades. Esse dado é importantíssimo uma vez que existe uma grande dificuldade entre os profissionais do projeto para falar sobre profissionalização e emprego com estes jovens. Acreditamos enquanto equipe que essa dificuldade se dá pelo acesso escasso a informações referentes ao mercado de trabalho e a diferentes possibilidades de áreas de atuação. Assim, quando apresentados a uma área com atividades laborativas estimulantes, esses jovens percebem uma nova oportunidade.

As atividades ainda se mostraram efetivas na questão da escolarização dos adolescentes. Mesmo aqueles regularmente matriculados na escola apresentam problemas relativos à leitura e interpretação de textos. Ainda assim, não fica claro para esses adolescentes a importância que a escola possui na vida das pessoas. Quando inseridos em atividades que exigem alguma habilidade de leitura ou interpretação textual, essa necessidade fica evidente e eles percebem isso sozinhos. O *funk* e o *rap* são muito presentes nas comunidades onde esses adolescentes habitam e uma

---

<sup>12</sup> Relato obtido através de uma série de entrevistas tomadas entre agosto e novembro de 2012, em Guarulhos-SP, durante a avaliação das atividades ministradas.

<sup>13</sup> Documento elaborado pelo orientador de referência, junto ao adolescente e seus responsáveis, nos primeiros dias de atendimento, que estabelece metas a serem alcançadas pelo jovem durante o cumprimento da medida socioeducativa e que contempla áreas da saúde, educação, renda, habitação, cultura e outros.

característica particular desses estilos musicais é que os jovens querem fazer suas próprias músicas e criar suas próprias rimas ou versos. Abrimos as portas da Oficina de Áudio e Vídeo para que isso fosse possível e os adolescentes foram instruídos sobre os processos de produção musical. Quando incentivados a compor (e escrever) as letras de suas canções, a maioria dos adolescentes demonstrou dificuldade para encontrar palavras suficientes para criar versos e rimas. Imediatamente ficou claro para eles que um vocabulário empobrecido é um problema para quem pretende, por exemplo, seguir uma carreira musical. É importante ressaltar novamente que essa tomada de consciência acontece de forma natural e individual. Não foi necessário alertá-los sobre suas demandas em relação à escola, pois eles estão vivendo vivenciando as dificuldades provenientes da falta de estudo. A partir daí é fácil incentivá-los, por exemplo, a praticar a leitura ou outras atividades enriquecedoras e, evidentemente, procurar à escola. Portanto, às atividades ainda servem de suporte para o trabalho dos orientadores, esses sim, responsáveis pela conscientização direta em relação à escolarização. Indício de tal tomada de consciência por parte dos jovens é o crescimento do número de empréstimos de livros na pequena biblioteca do próprio Projeto GAIA, uma vez que durante a atividade ressaltamos a importância da leitura para o enriquecimento do vocabulário pessoal de cada um deles. A biblioteca conta também com obras que refletem o universo destes jovens, como por exemplo, biografias de rappers, literatura marginal e etc. A psicóloga Camila Bittencourt, que não só encaminha os adolescentes para as atividades, mas também os acompanha durante as mesmas, ainda afirmou que se surpreendeu quando dois de seus adolescentes, R. C. J (17 anos) e F. S. S. (15 anos) pediram que ela fornecesse um encaminhamento da instituição para facilitar a efetivação da matrícula em escolas do município. Relatos parecidos podem ser tomados de outros orientadores da instituição.

Por fim, também notamos que as atividades ainda funcionam como facilitador para discussão de certos assuntos com os adolescentes. Muitos demonstram resistência para falar sobre temas delicados como o ato infracional, sexo ou drogas. No entanto, durante as atividades na Oficina de Áudio e Vídeo, os próprios adolescentes trazem esses assuntos à tona durante conversas informais ou mesmo nas músicas e vídeos que criam. Alguns posicionamentos trazidos pelos adolescentes são informados aos orientadores para que eles possam, em atendimento individual, trabalhar esses temas usando outras abordagens para instruir os jovens sobre assuntos tão delicados. O psicólogo Rodrigo Bronze<sup>14</sup>, que acompanha um adolescente inserido neste estudo, tentava exaustivamente abordá-lo sobre um possível uso de drogas. O

---

<sup>14</sup> Relato obtido através de uma série de entrevistas tomadas entre agosto e novembro de 2012, em Guarulhos-SP, durante a avaliação das atividades ministradas.

jovem, porem, não admitia fazer uso de substâncias entorpecentes. O mesmo adolescente foi convidado a participar de atividades na Oficina de Áudio e Vídeo, pois já havia demonstrado interesse em gravar algumas músicas que havia escrito. Não foi necessário, em nenhum momento, abordar o tema diretamente. Durante a atividade, conversamos sobre a composição das letras e quais eram suas inspirações. O adolescente J. H. S (15 anos) verbalizou:

“É suave, a gente dá uma expandida nas ideias com uma verdinha e já era, vem tudo na mente. A gente fala sobre qualquer coisa (...)”.

Acreditamos que o ambiente descontraído e a ausência do orientador de referência (que acaba por representar uma figura de autoridade dentro do projeto) tenha facilitado tal “confissão”. Essa informação foi compartilhada com o orientador para que ele pudesse tomar alguma providência. É claro que as medidas para combater o uso de drogas do adolescente em questão foram feitas de forma sutil, para que o mesmo não se sentisse traído. Ele continuou participando das atividades na Oficina de Áudio e Vídeo, onde não só gravamos suas músicas, mas também fizemos várias discussões sobre alguns artistas famosos que faziam uso de drogas ou as citavam em suas composições. O adolescente também foi inserido em palestras cujo tema era drogadição, sem que fosse necessária a intervenção direta do orientador no primeiro momento. Depois de algumas semanas, impactado pelas informações que recebeu, o próprio adolescente admitiu, em atendimento individual, fazer uso de maconha. A partir daí, o orientador pode intervir diretamente.

## **Conclusões**

Tendo em vista o conceito apreendido de Educomunicação, podemos afirmar que as atividades desenvolvidas no projeto GAIA estão de acordo com os paradigmas da educomunicação, de acordo inclusive com os autores e estudiosos consultados. Notamos no Projeto GAIA um ecossistema pautado na utilização dos meios de comunicação, democrático, inclusivo e de livre acesso. Tal ecossistema amplia as ações educativas já praticadas na instituição beneficiando assim os jovens participantes do projeto.

Com a implantação das atividades pretendia-se oferecer aos adolescentes uma ferramenta extracurricular com finalidade quase totalmente lúdica. Porém, o que encontramos hoje no projeto GAIA é um recurso que cria oportunidade de crescimento pessoal aos adolescentes, fator que vai de encontro com o que exige o Estatuto da Criança e do Adolescente ao dizer que a medida socioeducativa deve promover socialmente o indivíduo. Além disso, serve como

ferramenta de apoio ao trabalho realizado pelos orientadores de medida socioeducativa que muitas vezes, apesar do estudo constante e dos inúmeros esforços, não conseguem atingir esses jovens com a mesma eficácia com que as atividades educomunicativas o fazem.

## Referências

Soares, I. O. (2011). Educomunicação – o Conceito, o Profissional, a Aplicação. São Paulo: Editora Paulinas.

\_\_\_\_\_. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>> Acesso em 10 fev. 2013

Citelli, A. O. (2011). **Educomunicação** – Construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Editora Paulinas.

Baccega, M. A. **Comunicação/Educação: Um campo em ação.** (2005). ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume IV. Disponível em: <<http://www.sopcom.pt/actas/baccega-maria-comunicacao-educacao-campo-accao.pdf>> Acesso em 02 fev. 2013

Lago, Cláudia. (2003). **O Romantismo Morreu? Viva o romantismo.** Ethos Romântico e Jornalismo. São Paulo, ECA/USP, Tese de doutorado.

Pinheiro, Rose Mara. (2013). **A Educomunicação nos Centros de Pesquisa do País.** São Paulo, ECA/USP, Tese de Doutorado.

Soares, D. **Educomunicação – O que é isto?** Gens Serviços Educacionais. Disponível em: <[http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf)> Acesso em 15 fev. 2013.

Weber, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?** Horizontes antropológicos volume 15 número, 32. Porto Alegre. Jul./Dec. 2009 disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832009000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832009000200007&script=sci_arttext)> Acesso em 15 nov. 2013